

MARÉ DE NOTÍCIAS

119



Ajudar sem olhar a quem

No dia 05 de dezembro, comemora-se o Dia Internacional do Voluntário e este ano, com a pandemia, o voluntariado foi essencial o ano inteiro. [PÁGINAS 6 E 7](#)

Saiba um pouco mais sobre a história da Declaração dos Direitos Humanos.

PÁGINA 3

Conheça alguns coletivos que atuam em prol das Pessoas com Deficiência na Maré.

PÁGINAS 12 E 13

Se está na internet, é verdade? Conheça o Caiu na rede, é fake?

PÁGINA 14

MATHEUS AFFONSO



Coleta de lixo na Maré

Apesar de ter sido um dos poucos serviços que não foram interrompidos durante a pandemia, a coleta de lixo é reclamação constante dos moradores das 16 favelas.

[PÁGINAS 4 E 5](#)

Eu sou o samba

Símbolo de brasilidade, o samba - e todos aqueles que trabalham com o ritmo -, mais uma vez, precisaram resistir para se manter firme durante a pandemia. No entanto, todos sabem que o samba agoniza, mas não morre.

[PÁGINAS 10 E 11](#)

JESSICA PIRES



EDITORIAL

Chegamos no último mês do ano de 2020 e aguardamos, com expectativa, por 2021. Não apenas pelo fato de serem novos ares e por este ano ter sido difícil e de muitas perdas, mas, porque 2021 promete a tão esperada vacina para covid-19. Foi um ano atípico: crise mundial na saúde, expondo ainda mais as desigualdades sociais que existem no país, porém, mostrando também o quanto as pessoas das favelas e periferias estão dispostas a ajudar os seus próximos.

Começamos dezembro sabendo que Eduardo Paes foi eleito o novo (velho) prefeito da cidade do Rio, que deixou para fazer a decisão no segundo turno. Assim, começaremos o ano com expectativas de avanços para a cidade do Rio de Janeiro.

É importante destacar, apesar de repetitivo, que a covid-19 continua circulando pelas ruas da cidade, e que, depois de meses em queda, o estado do Rio de Janeiro, assim como outros estados do país, tem apresentado aumento significativo no número de novos casos e na taxa de ocupação dos leitos, o que nos deixa bastante alertas. Quando precisarem ir à rua, não se esqueçam de sair com a máscara e de levar o álcool em gel, além de respeitarem o distanciamento social sempre que for possível. Evitem aglomerações e sigam as dicas de higiene ao chegar em casa - tomar banho assim que voltar, lavar bem as mãos.

A equipe do Maré de Notícias deseja que o próximo ano seja melhor, de muito trabalho e saúde para todos, todas e todes. Até à próxima Edição!

Erramos

Na última Edição, na matéria sobre o Parque União (página 15), a foto destacada é da Rua Ary Leão, e não da rua Tiradentes, como dissemos. Pedimos desculpas pela confusão!

Viu algum erro em nosso jornal ou quer enviar alguma sugestão de pauta? Entre em contato com o Maré de Notícias pelas nossas redes sociais.

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

 (21) 97271-9410

CHARGE - VANES



HUMOR

Um morador vai com um semblante triste para renegociar dívida de conta de luz.

O funcionário diz que ele deveria pagar o imposto com um sorriso no rosto.

O cliente responde: isso eu já experimentei, mas tive que pagar com dinheiro mesmo.

**ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!**
contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.maredenoticias.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
data_labe
Espaço Normal
Énois Laboratório de Jornalismo

COORDENADORA DE PROJETO:

Daniele Moura

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA

Andressa Cabral

COORDENADORES DE DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira
Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Andrews de Andrade
Faustino

Antônia Valéria Lins e Silva
Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Larissa Oliveira

Luana Cristina Alves

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcela Ferreira Silva Gomes

Thuany Vieira Nascimento

Valdemir Gomes da Cunha

Júnior

Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Hélio Euclides

(Mtb 29919/RJ)

Thaís Cavalcante

(Mtb 35270/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes

Matheus Affonso

REVISÃO

Gabinete do Texto

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque Gráfico de O Globo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, pelas redes sociais (@maredenoticias) ou ainda por e-mail contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Direitos Humanos para todos os humanos

Diferentemente do que é dito, a Declaração de Direitos Humanos defende todas as pessoas

ANDRESSA CABRAL BOTELHO

Em 10 de novembro de 1948, foi promulgada, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), a Declaração dos Direitos Humanos, normas básicas para a boa convivência de toda e qualquer pessoa na sociedade, sem nenhum tipo de distinção. Entretanto, com a onda conservadora que temos vivido, ouvimos com certa frequência que os Direitos Humanos são para um grupo específico e não, para toda a humanidade. Mas, afinal, o que são os Direitos Humanos?

Direitos Humanos são direitos indispensáveis para que qualquer pessoa possa viver, independentemente de classe social, raça, gênero, religião, orientação sexual ou nacionalidade. Eles tratam de questões básicas e fundamentais para a sobrevivência humana, como **direito à vida, alimentação, moradia, liberdade**, entre outros. “Os Direitos Humanos passaram a ser garantidos no Brasil graças à Constituição Federal de 1988. Por serem direitos constitucionais, o Estado deve garanti-los, também, como forma de pôr fim às desigualdades sociais, de gênero e raça”,

destacou **Paloma Oliveira**, advogada, membra da Comissão de Igualdade Racial OAB Leopoldina e pós-graduanda em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela PUC-RS.

O documento surge após o trauma da Segunda Guerra Mundial, que vai desde a morte de milhares de combatentes até o genocídio de mais de seis milhões de civis no holocausto e nos bombardeios de *Hiroshima e Nagasaki*. A declaração marcou uma das primeiras ocasiões em que os países que faziam parte da Assembleia chegaram a um acordo por um bem comum: igualdade de direitos a toda humanidade.

Na declaração, a ONU definiu 30 direitos e liberdades, que não podem ser tirados de nós ou transferidos a outras pessoas. Eles não podem ser negados a nós, e é nosso dever conhecer e lutar diariamente para que os nossos direitos sejam respeitados. Afinal, Direitos Humanos são para todos os seres humanos.

O debate no Brasil

Diante das desigualdades, percebe-se que o Estado brasileiro não cum-

“Os Direitos Humanos servem para reprimir condutas violentas e, com a força e importância que a legislação dá a esse assunto, o Estado deve garantir a dignidade humana, a não discriminação, a liberdade, a proibição de tortura, a igualdade entre as pessoas, etc.”

PALOMA OLIVEIRA, advogada, membra da Comissão de Igualdade Racial OAB Leopoldina.



pre o seu papel de garantir tais direitos, deixando uma lacuna, preenchida por instituições e pela própria sociedade civil. Esses grupos lutam pela garantia dos direitos humanos por entenderem que estes deveriam contemplar todas as pessoas, mas essa não é a realidade atual. O ano de 2020 e a crise sanitária do novo coronavírus deixaram essa questão em evidência: na falta do Estado, foram as pessoas e instituições que se articularam, para distribuir cestas de alimento, exigiram a proibição das operações policiais, solicitaram cartões de alimentação referente à merenda escolar, por exemplo.

O Brasil tem sido um local perigoso para quem defende esses direitos. Em 2019, pelo menos, 23 defensores de Direitos Humanos foram mortos no país, de acordo com o relatório anual publicado pela organização *Frontline Defenders*. No mundo, o país é o quarto mais violento para quem defende ativamente tais direitos. “Os Direitos Humanos visam reprimir condutas violentas e, com a força e importância que a legis-

lação dá a esse assunto, o Estado deve garantir a dignidade humana, a não discriminação, a liberdade, a proibição de tortura, a igualdade entre as pessoas, etc.”, lembra Paloma.

É importante sempre lembrar de Marielle Franco, que lutou por melhores condições de vida para mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e favelados. O seu legado é para que qualquer pessoa, não apenas os ativistas, possa lutar diariamente para diminuir as desigualdades sociais.

VOCÊ ACHA QUE TODAS AS PESSOAS DEVERIAM TER DIREITO:

- à vida?
- à alimentação?
- à segurança?
- à educação gratuita de qualidade?
- à liberdade de ir e vir?
- à liberdade de expressão e opinião?
- a serem tratados de forma igual?

Se você respondeu **SIM** a essas perguntas, você é um defensor de Direitos Humanos.

Para onde vai o nosso lixo?

Durante a pandemia, a coleta de lixo das 16 favelas da Maré está sendo feita por 126 garis

THAÍS CAVALCANTE

O isolamento social, motivado pela pandemia de covid-19, interrompeu as atividades presenciais nas áreas culturais, educacionais e comerciais. O que não parou foi o consumo e o descarte de lixo, assim como a sua coleta. Nas 16 favelas da Maré, todos os dias são produzidas em média, 200 a 250 toneladas de lixo domiciliar, lixo público e resíduos de construção civil, de acordo com a Comlurb.

Os garis estão desde o início na linha de frente da coleta, que é o carro-chefe da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb). “Mesmo com alguns colaboradores afastados por causa da covid-19, a Comlurb manteve 80% dos seus serviços [na Maré], como varreduras, roçagem mecanizada, raspagem de terra e lama, entre outros. Já a coleta, mantemos 100%”, conta **Marcos William**, Gerente de Divisão ND30M da Comlurb Maré e atuante há 15 anos no território.

Entender a particularidade de cada favela é fundamental para o trabalho. A Vila do João, por exemplo, é o local com maior quantidade de lixo, pois tem uma maior extensão. O modelo de coleta de lixo também não é o mesmo em todas as favelas. Algumas têm gari comunitário, outras, só o gari da Comlurb, outras ainda, os presidentes de associação de moradores pagam a garis particulares para reforçar a limpeza das ruas.

Um incômodo que gera muita reclamação dos moradores é a falta de coleta aos domingos. Ou, quando é feita, acontece em pequena quantidade. Marcos informou que a coleta é diária,

DOUGLAS LOPES



A coleta de lixo na Maré e na cidade do Rio foi um dos poucos serviços que não foram interrompidos durante a pandemia

mas, aos domingos, há sim a dificuldade de circulação dos caminhões compactadores nas ruas, por causa de grandes eventos locais, como feiras, festas de aniversário e bailes *funk*.

Garis Comunitários em extinção

A população também sente a diferença da coleta no dia a dia por outro motivo: a quantidade de garis comunitários tem sido reduzida gradativamente, atendendo à decisão judicial do Ministério Público do Trabalho para que sejam substituídos por garis concursados da Comlurb. Em 2019, o gasto previsto para o programa foi de R\$ 7 milhões, menos da metade de 2018. Procurado, o Ministério Público não disse os motivos de tomar essa decisão ou quanto está sendo gasto pelo programa este ano.

O trabalho dos garis comunitários é um diferencial pela proximidade do trabalhador com o território. Não à toa, as ruas internas são

justamente de responsabilidade desse profissional. A Comlurb informou que todo o território da Maré é atendido por 50 garis comunitários e 76 garis da Companhia. Não estão incluídos os afastados por questões médicas ou por conta das medidas preventivas adotadas em relação à covid-19, como aqueles pertencentes

ao grupo de risco e pessoas com mais de 60 anos.

Por uma Maré mais limpa e verde

Henrique Gomes é articulador territorial e institucional da Redes da Maré e mora na Baixa do Sapateiro. Ele explica que existem dois lados da mesma realidade e que os dois buscam a mesma coisa: a melhoria local, mas

O Maré de Notícias solicitou um serviço de reparo dia 28 de setembro pelo Portal da Prefeitura 1746, com o protocolo de “Obras de reparo, canalização ou

limpeza de rio, canal ou valão” para a retirada de lixo

e entulho do valão localizado na Nova Maré. Quando um pedido é feito no Portal, a solicitação é encaminhada para o órgão responsável e tem o prazo de 20 dias úteis para ser atendida. Pouco mais de um mês, a solicitação não pôde ser concluída por estar em fase de captação de recursos para realizar os serviços de desobstrução e limpeza para a melhoria das condições de escoamento d’água no rio. Nossa equipe foi até o local verificar, e parte do lixo acumulado foi retirado, e a capinagem foi feita no entorno do valão, mas o serviço de desobstrução e limpeza não tem previsão para ser iniciado.





DOUGLAS LOPES

Quantidade de garis comunitários está reduzida por conta de um pedido do Ministério Público do Trabalho

o diálogo precisa ser mais frequente. “Os garis conhecem bem a favela e os pontos de lixo, usando o carrinho onde mais tem becos, e o caminhão, nas ruas largas. Os moradores, às vezes, não conseguem guardar o lixo dentro de casa por causa do pouco espaço e mau cheiro do lixo, por exemplo”, observa Henrique.

Mas a responsabilidade para o descarte do lixo não é só de quem o recolhe. Todos os cidadãos têm a gestão e a responsabilidade social nesse cuidado: fazer a separação de embalagens em casa para facilitar a reciclagem; não jogar lixo ou entulho em local inadequado; ter consciência ambiental ao consumir um produto; criar hábitos sustentáveis e muito mais. O benefício é individual e coletivo.

Julia Rossi, pesquisadora e coordenadora de projetos socioambientais na Redes da Maré, defende que a educação é uma solução que pode ser aplicada a longo prazo, assim como mais investimento em infraestrutura e na compostagem. “Ela [educação] é a chave para que as pessoas entendam a importância de se ter uma organização com seu lixo, de onde vem, o que se consome e muito mais. Na educação ambiental, muita coisa pode ser aproveitada: o lixo orgânico pode virar composto, por exemplo”. Ela conta ainda que todas as soluções colocadas precisam

de ajuda do poder público, justiça ambiental e acesso aos direitos básicos.

Com a mesma percepção, o **Muda Maré**, projeto de educação ambiental e agricultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Maré, apresenta a importância de iniciativas locais para minimizar o impacto do lixo no cotidiano mareense. “A reciclagem faz parte da vida de muitos moradores, mas, às vezes a gente não reconhece isso como uma iniciativa de grande impacto, mas é. Como o movimento que existe para reciclar máquinas de lavar roupa. Além disso, há uma alternativa criada pelos próprios moradores de não jogar lixo em determinados terrenos, criar hortas ou plantar árvores. Isso mostra a potencialidade de atuação como agente de transformação ambiental. Assim como os catadores autônomos, cooperativas e espaços de reciclagem”.

O grupo declara, ainda, que o fortalecimento e a visibilidade de iniciativas locais, que focam na questão ambiental, precisam de mais articulação e redes de discussão e mobilização. “Acreditamos no potencial da educação ambiental como alternativa de longo prazo para a mobilização comunitária em torno da questão do saneamento, do direito à cidade e da capacidade local de produzir mudanças”.

CALENDÁRIO DE COLETA DE LIXO NA MARÉ [COMLURB]

A coleta de lixo em caminhões compactadores é feita nas ruas principais de grande comércio, dentre outras ruas, de cada favela.

Dias e horários: segunda a sábado, a partir das 6h até 14h20.

CONFIRA AS RUAS PRINCIPAIS:

Baixa do Sapateiro - Rua Canaã; Rua do Serviço; Rua Pedro Torres;

Bento Ribeiro Dantas - Av. Bento Ribeiro Dantas; Av. Guilherme Maxwell;

Conjunto Esperança - Rua Moreira Pequeno; Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos; Av. do Canal 1;

Conjunto Pinheiro - Rua Via B9; Av. do Canal 2;

Morro do Timbau - Rua Nova Jerusalém; Rua Caetés; Rua Capitão Carlos;

Nova Maré - Rua Principal; Rua Tancredo Neves;

Nova Holanda - Rua Teixeira Ribeiro; Rua Principal;

Parque União - Rua Ary Leão; Rua Roberto da Silveira;

Parque Rubens Vaz - Rua João Araújo; Rua Massaranduba;

Praia de Ramos - Rua Gerson Ferreira; Av. Guanabara;

Roquete Pinto - Rua Urucuri; Vila Sampaio;

Salsa e Merengue - Rua Projetada A até a Rua Projetada H;

Vila do João - Rua 14; Rua 7;

Vila do Pinheiro - Rua Via 1; Rua Via B1;

A coleta de lixo em microtratores é feita nos becos, vielas e travessas de cada favela em dias alternados.

Dias e horários: segunda, quarta e sexta-feira ou terça, quinta e sábado, a partir das 6h até às 14h20.

Os trabalhos são realizados com o apoio de oito microtratores, duas pás carregadeiras, seis caminhões compactadores e oito caminhões basculantes, entre outros equipamentos. Também, com oito caixas metálicas de 5 metros cúbicos, oito compactadoras de 15 metros cúbicos, duas, de 30 metros cúbicos, além de 105 contêineres.

(Fonte: Comlurb/Maré).



Aqui se doa talento, trabalho e tempo

Durante a pandemia, atuar como voluntário se tornou uma ação constante



MATHEUS AFFONSO

A diretora Cristiane Fontoura e o jardim comunitário da Escola Municipal Professor Josué, na Vila do João

HÉLIO EUCLIDES

A Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o dia 05 de dezembro como Dia Internacional do Voluntário, em 1985, com a intenção de promover ações em todas as esferas da sociedade, ao redor do mundo, tendo como meta os Objetivos do Milênio. Definidos pela própria ONU, em 2000, eles inspiram os voluntários a atuar de modo a diminuir a extrema pobreza e a fome, garantir o ensino básico para todos, promover a igualdade entre os sexos, reduzir a mortalidade infantil, viabilizar a sustentabilidade ambiental, entre vários outros objetivos. Na Maré, existem diversos voluntários que dedicam seu tempo ao serviço de melhoria do território.

Em 2017, o IBGE realizou uma pesquisa, segundo a qual, no Brasil, 7,4 milhões de pessoas realizam trabalho voluntário. **Giuliana Preziosi**, especialista em sustentabilidade e voluntariado, ainda acha que são poucos, mas acredita que, com a pandemia, veio um movimento de solidariedade com um aumento da doação de pessoas físicas e jurídicas. Criou-se uma rede filantrópica. “Por outro lado, a desigualdade social veio à tona, algo que sempre existiu. Foi pedido o distanciamen-

to social e lavar as mãos, mas como isso pode acontecer em casas com apenas um quarto para muitas pessoas e falta d’água?”, expõe.

O sistema de voluntariado ainda, tem altos e baixos. O índice global de solidariedade (*World Giving Index*), realizado em 146 países, perguntou a mais de 150 mil pessoas se, no mês anterior à consulta, doaram dinheiro para uma organização da sociedade civil, ajudaram um estranho ou fizeram trabalho voluntário. Em 2018, o Brasil teve registrado o seu pior desempenho, saindo da po-

“O ato de ser voluntário me engrandeceu muito como ser humano. Atuei para o local onde nasci e tive a oportunidade de conhecer as dificuldades da minha favela profundamente. Chorei muito quando vi a precariedade do nosso povo.”

EDUARDO DA SILVA

morador da Nova Holanda e voluntário da campanha Maré Diz NÃO ao Coronavírus

sição de número 75 para o 122º lugar no *ranking*.

E, mesmo com a queda nessa lista, o país teve bons exemplos dentro da atuação voluntária. Um exemplo de sucesso foi Paraisópolis, em São Paulo, onde moradores demonstraram e desenvolveram o sentido de pertencimento do território. “Na periferia, percebe-se o senso de coletividade, de mudança do território. Mas, por que ser voluntário? O mundo está com problemas em relação ao direito dos mais vulneráveis. Temos a necessidade de mudanças, de se indignar com tudo isso e querer fazer algo para o outro. A doação é gratificante para quem dá e para quem recebe”, conta. O Conselho Nacional de Saúde afirma que o voluntariado faz bem para o sistema imunológico, com sentimento de felicidade e satisfação.

Voluntários contra um vírus

Uma campanha de sucesso foi a *Maré diz NÃO ao Coronavírus*, idealizada pela Redes da Maré em conjunto com outras instituições. A ação deu-se em várias frentes, entre elas, a segurança alimentar, que chegou a atender 17.648 famílias com a entrega de cestas de alimentos e *kits* de higiene pessoal e de limpeza, somados a 53.350 refeições para pessoas em situação de rua, no período de 27 de março a 14 de outubro.

A campanha mobilizou 56 voluntários regulares e outros 24 de forma esporádica, sendo a maioria mo-



DOUGLAS LOPES



REDES SOCIAIS/DE MULHER PRA MULHER GOSPEL

Projeto De Mulher pra Mulher Gospel durante a **marcha do outubro rosa** moradores do território. “Se não fossem os voluntários, esse trabalho não tinha sido realizado. Foi uma demanda de logística, que necessitava de cerca de 50 pessoas diariamente nas entregas e fabricação das quentinhas. A importância de tudo isso é que as pessoas se mobilizaram por razões diferentes, todas com muito desejo de ajudar a favela onde moram”, conta **Maira Gabriel**, coordenadora da Redes da Maré.

Ela detalha que os voluntários tiveram interesse em participar da campanha, conheceram as diretrizes da Redes da Maré, ocorrendo, assim, um processo de formação política e um alinhamento, o qual a instituição entende como importante para o território. “Foi muito bom ver esse trabalho comunitário. Além disso, os voluntários não se conheciam, viraram amigos e criaram uma rede de apoio. Foi muito potente como experiência”, diz. Após a campanha, alguns voluntários foram contratados em outras frentes, seja de uma forma temporária ou definitiva.

Um dos que fizeram parte da campanha foi **Eduardo da Silva**, morador da Nova Holanda, uma das 16 favelas da Maré. “A Redes da Maré corria atrás das doações, e eu percebi que precisava de pessoas para levar as cestas básicas para quem precisava. Quando começou a campanha, eu estava em casa, sem trabalho e fui me voluntariar. Percebi que era o momento de ficar junto e recebi alegria”, expõe. Ele explica que o voluntariado vai além de não ficar em casa ou trabalhar de graça. “O ato de ser voluntário me engrandeceu muito como ser humano. Atuei para o local onde nasci e tive a oportunidade de conhecer as dificuldades da minha favela profundamente. Chorei muito quando vi a precariedade do nosso povo”, conta.

Uma Maré de voluntários

A pandemia trouxe muitas outras iniciativas, dentre elas, o projeto *De Mulher pra Mulher Gospel*. **Alice Oliveira** se uniu com mais de 15 mulheres voluntárias para ativida-

des de conscientização. “Sentimos a necessidade de nos comunicar com mulheres por meio das redes sociais. Nosso desejo é produzir conteúdo que minimizasse os efeitos emocionais da pandemia”, explica. O grupo organiza lives com temas como, empreendedorismo, depressão, ansiedade e pânico.

No mês de setembro, o grupo foi para as ruas da Maré com balões e cartazes, para falar sobre a prevenção do suicídio. Em outubro, foi a vez da caminhada feminina para a conscientização sobre a importância do autoexame das mamas. No mês passado, ocorreram uma doação de sangue coletiva e a participação na campanha Novembro Azul. “Para mim, é uma necessidade ser voluntária. Eu não consigo ver pessoas ao meu redor precisando de assistência e ficar com os braços cruzados no conforto do meu lar”, conclui. A longo prazo, o grupo pretende conseguir um espaço físico onde possa oferecer assistência emocional e social para as mulheres.

Quem vê uma mulher cuidando das plantas e pintando canteiros da Escola Municipal Professor Josué de Castro, na Vila do João, não imagina que a própria diretora é responsável pela jardinagem do colégio. Com ajuda de professores, alunos, ex-alunos e responsáveis, **Cristiane Lagarto Fontoura** monta o jardim pergolado e bancos reciclados para os estudantes terem um espaço de aconchego na hora do recreio. “Somos todos vo-

luntários. Isso demonstra dedicação, conscientização e carinho pela escola”, resume.

A diretora conta que a educação ambiental só é possível quando envolve a todos nos cuidados das árvores, arbustos e paisagismo. O trabalho voluntário já ultrapassa o portão da escola, com a pintura do muro. Outra novidade é que um ex-aluno está fazendo um mosaico de ladrilho em forma de roda na parte externa do muro. Esses trabalhos já trazem resultados. “Depois que estas ações foram iniciadas, a escola nunca mais foi invadida”, afirma.

Em **Marcílio Dias**, **Gerardo de Oliveira** iniciou as atividades da Biblioteca Comunitária Nélida Piñon. Além de oferecer um espaço para a leitura, o local disponibiliza uma geladeira, cheia de livros, para as pessoas poderem trocar exemplares ou simplesmente levá-los, sem precisar preencher nenhuma ficha. O trabalho já mobiliza outras pessoas, que agora organizam ações sociais e passeios para as crianças da favela. “O voluntariado é a mola que alavanca muitos projetos sociais neste país. Sem essa mão de obra, certamente muitas pessoas não seriam assistidas. O presente é o amor ao semelhante e o sorriso de uma criança. Penso que ninguém consegue ser feliz sozinho”, conta. Oliveira ainda colabora mensalmente e faz doação de materiais escolares no início de cada ano para moradores de Pedra Atravessa, no sertão da Paraíba.

Como o Rio Guandu chega na Maré?

É difícil entender como um rio que nasce no Estado de São Paulo abastece mais de 9 milhões de pessoas no RJ? Não esquenta, a gente desenha pra você o caminho da água até sua casa

Reportagem: Ruth Osório e Breno Souza

Arte: Giulia Santos

Edição: Fred Di Giacomo



1. O RIO

ÁGUA PARA 9 MILHÕES

ESSE SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA, CHAMADO SISTEMA GUANDU E INICIALMENTE PROJETADO PARA SUPRIR A DEMANDA DE ÁGUA DO RIO ATÉ 1970, FOI SENDO AMPLIADO COM DESAFIO DE SERVIR ÁGUA POTÁVEL PARA 9 MILHÕES DE PESSOAS. HOJE, SEGUNDO A CEDAE, O RIO GUANDU ABASTECE CERCA DE 85% DA POPULAÇÃO DA CAPITAL E DE 70% DA BAIXADA FLUMINENSE.

COCÔ NA ÁGUA?

A OCUPAÇÃO DAS INDÚSTRIAS E CASAS NA BACIA DO GUANDU, ASSOCIADA A AUSÊNCIA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO, TORNAM SUAS ÁGUAS BEM DIFERENTES, HOJE: O MANANCIAL MAIS IMPORTANTE DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO SE ENCONTRA POLUÍDO POR ESGOTOS DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS, COMPROMETENDO A SAÚDE DE 9 MILHÕES DE PESSOAS. O INCIDENTE DA GEOSMINA, NO INÍCIO DE 2020, REPRESENTAM BEM ESSE CONTEXTO: MILHARES DE PESSOAS, TENDO SUA SAÚDE E RENDA COMPROMETIDAS, COMPRARAM ÁGUA MINERAL POR MESES, PORQUE AS ÁGUAS DO GUANDU ESTAVAM CONTAMINADAS POR ESGOTO SANITÁRIO.

SEGUNDA CIDADE QUE MAIS CONSUME ÁGUA NO BR

A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) DEFINE QUE A SEGURANÇA HÍDRICA ESTÁ ASSOCIADA A DISPONIBILIDADE E QUALIDADE SUFICIENTES DE ÁGUA PARA O ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES HUMANAS, COMO PRIORIDADE, ECONÔMICAS E CONSERVAÇÃO DOS ECOSISTEMAS AQUÁTICOS. O CONTEXTO DO RIO DE JANEIRO É DE GRANDE INSEGURANÇA HÍDRICA: NÃO TEMOS MAIS ONDE BUSCAR ÁGUA E NÃO CUIDAMOS BEM DOS NOSSOS MANANCIAIS. ESSA REALIDADE CONTRASTA COM OS DADOS DO SNIS 2018: O CONSUMO MÉDIO PER CAPITA DE ÁGUA NO RIO DE JANEIRO É DE 328,22 L.HAB./DIA, MAIS DA METADE DE MÉDIA NACIONAL (154,88 L.HAB./DIA), TORNANDO O RIO A CIDADE DE MAIOR CONSUMO DE ÁGUA DO PAÍS.

2. O TRATAMENTO

MAIOR ESTAÇÃO DE TRATAMENTO

APÓS A CAPTAÇÃO DE ÁGUA DO RIO GUANDU, ESSA ÁGUA É BOMBEADA PARA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DO GUANDU, EM NOVA IGUAÇU. A ETA GUANDU É A MAIOR ETA DO MUNDO, CAPAZ DE TRATAR 43M³ POR SEGUNDO CONTINUAMENTE (CEDAE). O PROCESSO DE TRATAMENTO NA ETA GUANDU É O CHAMADO CONVENCIONAL, QUE CONTA COM OS SEGUINTE PROCESSOS FÍSICO-QUÍMICOS: COAGULAÇÃO QUÍMICA, FLOCULAÇÃO, DECANTAÇÃO, FILTRAÇÃO, DESINFECÇÃO E CORREÇÃO DE PH E FLUORETAÇÃO.

QUANTO CUSTA SUA ÁGUA?

O TRATAMENTO DE ÁGUA NÃO É UM PROCESSO SIMPLES E NEM BARATO. INCLUSIVE, DE ACORDO COM A LEI DAS ÁGUAS (9433/97), A ÁGUA É UM BEM DE TODOS. ISTO É, NÃO PODEMOS PAGAR PELA ÁGUA EM SI, APENAS PELO TRATAMENTO DELA. QUANTO MAIS POLUÍDO UM CORPO HÍDRICO, MAIS PRODUTOS QUÍMICOS SÃO NECESSÁRIOS PARA TORNÁ-LO POTÁVEL, DENTRO DOS PADRÕES EXIGIDOS PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE.

MAIS POLUIÇÃO, MAIS CUSTOS

O RELATÓRIO ANUAL DA CEDAE DE 2019 MOSTRA QUE, DIARIAMENTE, SÃO GASTOS 100 TONELADAS DE SULFATO DE ALUMÍNIO E CLORETO FÉRRICO, 200 QUILOS DE POLIELETRÓLITO, 20 TONELADAS DE CAL VIRGEM, 15 TONELADAS DE CLORO GASOSO E 7 TONELADAS DE ÁCIDO FLUORSILÍCICO. ALÉM DISSO, A ETA CONSUME ENERGIA CAPAZ DE ABASTECER UMA CIDADE DE 600.000 HABITANTES PARA PRODUZIR ESSA ÁGUA TRATA



NÍVEL 3

3. CAMINHO DAS ÁGUAS

REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA

APÓS TRATADA, A ÁGUA DEIXA A ETA ATRAVÉS DE DOIS SUBSISTEMAS: O SUBSISTEMA MARAPICU E SUBSISTEMA LAMEIRÃO. O SUBSISTEMA LAMEIRÃO É O RESPONSÁVEL POR ATENDER TODA A ÁREA DO COMPLEXO DA MARÉ, QUE FAZ PARTE DA REGIÃO LEOPOLDINA, ASSIM COMO A ZONA OESTE, UMA PARTE DA ZONA NORTE E SUL, CENTRO, NILÓPOLIS E UMA PARTE DA BAIXADA FLUMINENSE. NESTA SUBSISTEMA, A ÁGUA DEIXA A ETA ATRAVÉS DE UM TÚNEL SUBTERRÂNEO ATÉ A ELEVATÓRIA DO LAMEIRÃO, NO BAIRRO DE SANTÍSSIMO, QUE SEGUIE ATÉ CHEGAR NO RESERVATÓRIO DOS MACACOS, NO JARDIM BOTÂNICO.

REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA NA MARÉ

EM SETEMBRO DE 1985 FOI CRIADO NA CEDAE O GRUPO ESPECIAL DA MARÉ COM FINS DE GERENCIAMENTO DAS OBRAS DE SANEAMENTO DEMANDAS PELA MARÉ. NO PROJETO ESTAVAM INCLUSOS A EXECUÇÃO DE SISTEMAS DE DRENAGEM PLUVIAL, ABASTECIMENTO DE ÁGUA, COLETA DE ESGOTOS SANITÁRIOS E URBANIZAÇÃO GERAL DA ÁREA.

APESAR DA CONSTRUÇÃO DO NÚCLEO CEDAE NA MARÉ, O DIÁLOGO DOS MORADORES COM A CEDAE NÃO É FÁCIL. NÃO TEMOS ACESSO AOS MAPAS DA REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA, INFORMAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DAS ELEVATÓRIAS, TOTAL DE ÁGUA DISTRIBUÍDA PARA MARÉ E NEM SOBRE AS NECESSIDADES DE MANUTENÇÃO DA REDE.

MARÉ SECA

APESAR DAS OBRAS DE AMPLIAÇÃO DA ETA GUANDU, MUITAS REGIÕES QUE SÃO ABASTECIDAS PELO SISTEMA GUANDU/LAJES/ACARI (OS PRINCIPAIS DO ESTADO) NÃO TEM ACESSO AO SERVIÇO PLENO OU SEQUER POSSUEM ÁGUA CANALIZADA EM CASA.

DADOS DO CENSO MARÉ (2019) MOSTRAM QUE CERCA DE 151 DOMICÍLIOS NÃO TÊM ACESSO A REDE DE ABASTECIMENTO. ALÉM DA GRAVIDADE DO FATO DE QUE 453 MORADORES DA MARÉ NÃO TÊM ACESSO À ÁGUA, ESSES DADOS NÃO REVELAM, POR EXEMPLO, SE OS MORADORES DA MARÉ TÊM ÁGUA TODOS OS DIAS SAINDO DE SUAS TORNEIRAS. OU SEJA, MAIS DO QUE ÁGUA CANALIZADA EM CASA É PRECISO TER ÁGUA TODOS OS DIAS E COM QUALIDADE.

LANÇAMENTO DO ESGOTO

DEPOIS QUE ESSA ÁGUA É USADA (E DESCARTADA) NAS NOSSAS CASAS, ELA DEVERIA TER UM DESTINO CERTO: IR DIRETO PARA UMA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE EFLUENTE (ETE) NA FORMA DE ESGOTO DOMÉSTICO. NA REALIDADE, 0% DO ESGOTO DA MARÉ É TRATADO E OS PROBLEMAS COM A REDE DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO - A ESTRUTURA QUE RECOLHE O ESGOTO DAS CASAS - SÃO INÚMEROS, FAZENDO COM QUE OS MORADORES CONVIVAM DIARIAMENTE COM TRANSBORDAMENTO DE ESGOTO NAS RUAS E NOS VALÕES.

ALEGRIA DE POBRE

A ETE ALEGRIA, CONSTRUÍDA AO LADO DA MARÉ, NÃO ATENDE NENHUM MORADOR DO COMPLEXO PORQUE A REDE DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO DA MARÉ NÃO TEM LIGAÇÃO COM A ETE. INCLUSIVE, QUANDO A ETE FOI CONSTRUÍDA, FAZENDO PARTE DO PROGRAMA DE DESPOLUIÇÃO DA BAÍA DE GUANABARA, AS OBRAS TAMBÉM INCLUÍAM A LIGAÇÃO COM A MARÉ, O QUE NÃO ACONTECEU. DESSA FORMA, O ESGOTO SAI DAS CASAS DA MARÉ, VAI PARA OS VALÕES QUE SEGUEM DIRETAMENTE PARA A BAÍA DE GUANABARA.

400 TONELADAS DE TRANQUEIRA POR DIA

O DIAGNÓSTICO DO ESTADO DA BAÍA DE GUANABARA (2016) REVELA QUE 400 TONELADA DE MATÉRIA ORGÂNICAS SÃO LANÇADAS DIARIAMENTE NA BAÍA. DESSE TOTAL, CERCA DE 20% TÊM ORIGEM DE EFLUENTES INDUSTRIAIS OU DAS PRÓPRIAS ESTAÇÕES DE TRATAMENTO DE ESGOTO. NO FINAL DAS CONTAS, QUEM CONTINUA SOFRENDO COM A POLÍTICA DE PRECARIZAÇÃO DO SANEAMENTO BÁSICO SÃO AQUELES QUE JÁ ESTÃO VULNERABILIZADOS, JÁ QUE A POLUIÇÃO DAS ÁGUAS IMPEDE ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS MORADORES E TAMBÉM RECREAÇÃO, ALÉM DE DIMINUIR A QUALIDADE DAS ÁGUAS AINDA POTÁVEIS, DIFICULTANDO AINDA MAIS O ACESSO.

O samba é cultura popular

Resistência sempre fez parte do samba, e o sentimento se manteve com a pandemia



ELISÂNGELA LEITE

Mulheres, como o Grupo "Samba que Elas Querem", têm papel importante na popularização do samba

HÉLIO EUCLIDES E ANDRESSA CABRAL BOTELHO

“**N**ão deixe o samba morrer. Não deixe o samba acabar. O morro foi feito de samba. De samba pra gente sambar...”, esse trecho da música “Não Deixa o Samba Morrer”, de composição de Aloísio Silva e Edson Conceição, gravado em 1975 pela Alcione, até hoje, está em evidência. A pandemia paralisou as rodas de samba e assustou quem vive do ritmo musical. Como o show não pode parar, por bom tempo as quadras das escolas de samba e casa de espetáculos deram lugar às *lives*, mas, recentemente, elas tiveram liberação para retornar, respeitando o distanciamento. Dessa forma, o samba se esquivou, sacudiu, levantou a poeira e deu a volta por cima.

O Dia Nacional do Samba é comemorado em 02 de dezembro e é uma data reconhecida pela Lei estadual nº 554, de 27 julho de 1964. Desde 2007, o samba carioca e suas expressões são reconhecidos como patrimônios culturais imateriais do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (Iphan). Ele nasce de uma mistura de batuques de escravizados com ritmos indígenas. Mas o novo gênero musical não era bem visto pelas elites escravistas do século XIX. Na virada para o século

XX, o ritmo vem de Salvador para o Rio de Janeiro e vira marca cultural, principalmente, na região central do Rio, onde, até hoje, recebe uma série de rodas de samba que atrai locais e turistas.

Uma figura importante para o samba carioca, Hilária Batista de Almeida, popularmente conhecida como **Tia Ciata**, baiana, cozinheira, mãe de santo e moradora da Pedra do Sal e Praça XI, dois redutos do samba no início do século XX. Ela é um símbolo de resistência por abrir a sua casa para a realização de rodas de samba, muitas vezes, reprimidas pelo poder da polícia. Foi em sua casa que o primeiro samba gravado do país, *Pelo telefone*, de Donga e

Mauro de Almeida, foi escrito.

O samba se refaz na batucada

A cultura foi um dos primeiros setores a parar em meio à pandemia do coronavírus. Todas as atividades que dependem da aglomeração e da venda de ingressos foram interrompidas, e não houve um plano para suprir a renda dos profissionais do setor. **Alexandre de Mello Gonçalves**, o músico **Dão**, integrante do Grupo Nova Raiz, conta que os sambistas tiveram problemas e alguns ainda estão numa fase difícil nas finanças. Toda uma estrutura, de gente que trabalha antes e na hora do evento, foi prejudicado. “Não temos apoio, a galera está sobrevivendo. Ocorreram rodas de samba clandestinas e outros jeitos para superar o perrengue da fase mais difícil da pandemia”, diz.

Apesar dos prejuízos, o músico vê o lado bom das férias forçadas. Ele destaca que o samba nunca foi tão tocado em casa por meio de *lives*, ouvindo os DVDs, consumindo por meio de aplicativos de música ou Youtube. “Teve gente que achou discos antigos ao arrumar suas casas. Não podia ouvir ao vivo na rua, então a casa era a solução”, fala. Dão também lembra que profissionais tiraram o tempo para estudar e aprimorar suas técnicas, para compor, fazer arranjos e produzir vídeos. Por outro lado, alguns músicos não tiveram cabeça e inspiração, pois foram



ANDRESSA CABRAL BOTELHO

Os sambas de segunda e sexta-feira na Pedra do Sal, no Centro do Rio, são um dos mais populares da cidade



ELISÂNGELA LEITE

O samba e as feijoadas do "Siri de Ramos" foram interrompidas com a pandemia

muitos os problemas enfrentados. "É um momento único, e cada um tem a sua história", conclui.

O setor cultural envolvia mais de 5 milhões de pessoas trabalhando em 2018, representando 5,7% do total de ocupados no país – 44% desses profissionais são autônomos, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). "Com certeza, os profissionais envolvidos com eventos foram os mais prejudicados, porque nós fomos o último segmento a voltar a trabalhar. Nesse período de quase oito meses sem *shows*, os grupos e artistas de menor expressão tiveram que se reinventar e contar com a ajuda dos familiares, amigos, fãs e empresas para conseguir sobreviver com dignidade e pagar as contas", expõe **Rogerinho Ratatuia**, cantor e ex-morador do Rubens Vaz.

Nesse período de pandemia, as *lives* surgiram como uma ótima alternativa. Por meio delas, muitos artistas e grupos conseguiram se manter visíveis no mercado, além de receberem doações financeiras e alimentos. "Infelizmente, o poder público e os governantes demoraram muito a nos enxer-

gar. A nossa aposta agora é na Lei Aldir Blanc, que foi aprovada, e irá beneficiar não só o samba, mas muitos fazedores de cultura de um modo geral", comenta.

Para **Luiz Antônio Simas**, escritor e historiador, é preciso ver o outro lado, de que existe uma economia criativa que é ligada ao samba. O samba também é um elemento que proporciona a sobrevivência de muita gente. "O Rio de Janeiro tem um circuito de roda de samba, tem as escolas de samba, isso é uma economia que circula em torno desse ritmo musical, que é muito importante. O samba tem conagração, tem a construção de sociabilidade e de identidade de grupo. Além disso, o samba, para muita gente, é um modo de ganhar a vida. Assim, ficamos numa circunstância complicada", conta.

Simas afirma que o samba continua, e os sambistas tentam fazer o seu trabalho. Na mesma linha, ele percebe que as escolas de samba procuram conviver com esta situação. "O drama maior é dos trabalhadores do samba, aquele técnico de som, músicos e cantores da noite, os garçons das casas de show, todos foram afetados. Mas,

no fim das contas, o samba tenta sobreviver, pois tem um público fiel desse gênero musical que é uma referência de criação de laços comunitários há mais de 100 anos", diz. Ele completa que os outros gêneros musicais vêm, vão, explodem, mas é o samba que continua.

Escolas de samba seguram a marimba

Em decisão inédita, a Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) resolveu adiar os desfiles das agremiações cariocas do Grupo Especial do Rio, de fevereiro para julho de 2021, caso haja vacinação até o primeiro trimestre do próximo ano. O Fórum Carioca de Blocos, formado pelas principais ligas, concluiu que o carnaval de rua deva seguir o mesmo caminho do adiamento. Sobre o Grupo B, **Edivaldo Pereira**, o Vadão, presidente da Escola de Samba Siri de Ramos, explica que todos estão aguardando o fim da eleição para bater o martelo sobre questões divergentes entre ligas, e se haverá um carnaval fora de época no meio do ano. "Essa gestão municipal não entendeu que o carnaval é cultural", resume. Vadão afirma que, até o momento, tudo está parado na quadra.

No Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso, o posicionamento da presidência, diretoria e carnavalesco é de retornar aos desfiles apenas em 2022. "Para regulamentação, teremos que tirar dinheiro de pedra", diz **Jorge Geraldo**, o popular Jorge Bob's, diretor da agremiação. Para colaborar financeiramente com a escola, desde o dia 15 de novembro, retoma-

ram as rodas de samba, que ocorrerão quinzenalmente.

Um passado bem próximo

A Maré, como tantas favelas, tem muita força no samba. Para Jorge Bob's, a semente foi plantada quando os moradores removidos das favelas do Pinto e do Esqueleto chegaram a Nova Holanda. Na época, nos anos 1960, a favela tinha o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Nova Holanda. Depois, veio o Bloco Mataram Meu Gato, que, 25 anos depois, deu lugar à Escola de Samba Gato de Bonsucesso. No ano de fundação, 1999, a favela ainda pertencia ao bairro vizinho.

Nas décadas de 1990, o Parque União teve dois blocos, o Alegria do Parque e o Boca da Ilha, para o qual Jorge compôs um samba, que falava da duplicação da Avenida Brasil. Depois, ainda existiu o bloco Filhos do Parque. "No Gato, comecei em 1992. De lá para cá, já participei de disputa de sambas por umas 20 vezes, emplacando quatro. Sinto amor verdadeiro por minha escola", lembra Jorge.

Já na Praia de Ramos, tudo começou com o Bloco Boca de Siri. **Pires Queiroz**, da velha guarda da agremiação Siri de Ramos, lembra que tudo começou nos desfiles de rua. "A gente fechava a Avenida Brasil e rodava a comunidade todinha. Quando empolgou, fizemos camisetas com nome do bloco", diz. Ele completa: o amor pela escola não se explica. "Foi amor à primeira vista. O bloco foi crescendo, e eu fui junto. Abro mão de qualquer coisa pelo carnaval", finaliza.

Um mundo que não vê pessoas com deficiência

Moradores da Maré e seus projetos de luta por direitos às pessoas com deficiência

HÉLIO EUCLIDES

Calçadas em péssimas condições, falta de guias rebaixadas, inadequação de lojas, transporte sem adaptação, ensino profissional precário, preconceito e diversas barreiras em prédios comerciais e públicos. Estas são algumas das dificuldades enfrentadas diariamente por quem tem deficiência. Somado a isso, ainda há a dificuldade para acessar os serviços de saúde, auxílios e benefícios. Para se fortalecerem, familiares de Pessoas com Deficiência (PcD) unem-se em coletivos com o propósito de ajudarem-se mutuamente e conquistarem direitos.

A deficiência física, bem como os transtornos psíquicos são fatores limitadores do acesso a bens, equipamentos e direitos de cidadãos e cidadãs. O Censo Maré (2019) registrou a existência de moradores com deficiência intelectual, física ou motora, indicando que 3,5% dos domicílios, ou seja, 1.670 casas, têm, pelo menos, um morador nessa condição. Por outro lado, a Pesquisa Nacional de Saúde de 2013 estimou 200,6 milhões de pessoas residentes em domicílios particulares permanentes, onde 6,2% possuíam pelo menos uma deficiência.

Pensando nessa população e na urgência de suas pautas, que envolvem saúde, educação, mobilidade e outras questões, foi criado o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. O dia 03 de dezembro foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), e a data tem por objetivo conscientizar a sociedade para a igualdade de acesso e de oportunidades a todas as pessoas. Entretanto, vivemos em um cenário longe de promover igualdade a esse grupo.

Para piorar a vida dessa parcela da população, o Presidente Jair Bolsonaro assinou o Decreto nº 10.502/2020, que acaba com a obrigatoriedade de as escolas regulares matriculem alunos com deficiência e estimula a criação de escolas e salas de aulas específicas para eles. **Fabiana Oliveira** é mãe de Kelly, que tem multi-malformação nos órgãos,

DOUGLAS LOPES



Alusca Cristina e Rafael Lima acreditam na mobilização popular em busca de melhorias para Pessoas com Deficiência

e não ficou satisfeita com a medida do Governo Federal. “Sou contra, pois prefiro que minha filha conviva com todos, até porque é preciso que as crianças aprendam a conviver com as diferenças”, afirma.

O jornalista comunitário **Ander-son Jedaí** acredita que a opinião pública trata a questão com descaso, e a sociedade não tem empatia para com as pessoas portadoras de deficiência. Para ele, uma resposta será dada na Maré para o bem comum quando houver a união de presidentes de associações de moradores, lideranças locais, ativistas, formadores de opinião, instituições do terceiro setor e líderes religiosos. “É preciso deixar de lado as diferenças e falar sobre a questão da mobilidade urbana. A partir deste ponto, discutir pautas importantes para dentro da Maré”, diz o jornalista.

Quem tem a mesma opinião é **Rafael Lima**, presidente do projeto Maré Solidária. O projeto tenta se mobilizar para a aquisição de cadeira de rodas, beneficiando quem não tem renda suficiente. “Muitos não recebem o benefício do INSS ou estão na fila, algo que demora. O pro-

jeto nasce para atender às demandas, não só na Maré”, diz Lima, que acha que as instituições precisam ter um olhar mais atento para essas pessoas. Ele conta que uma cadeira de roda custa de R\$ 500 a R\$ 3.000, então, o projeto faz o empréstimo, e, quando a pessoa fica boa, devolve o assento, que é encaminhado para outro paciente. “Nos tempos atuais, de tantas desigualdades e intolerâncias, a solidariedade se torna ainda mais essencial, pois é uma forma de combater as desumanidades e trazer para as pessoas um pouco de esperança”, afirma Lima.

Só a união pode superar os obstáculos

Os Especiais da Maré já contaram a sua trajetória nas páginas da edição 109 do Maré de Notícias, de fevereiro de 2020. Na entrevista, **Alusca Cristina** não imaginava a dificuldade que seria com a pandemia. “Para quem tem pessoa com deficiência na família, a vida já é difícil, mas, este ano, se complicou. Ocorreu muito desemprego, então, foi necessário intensificar o trabalho de doação para a cesta básica, fraldas e



MATHEUS AFFONSO

Ana Cunha (E), fundadora do "Especiais da Kelson's", junto a Fabiana Oliveira e Kelly, que fazem parte do projeto

leite", diz. O projeto conta com 400 pessoas cadastradas, que interagem e se ajudam por meio de dois grupos do *WhatsApp*.

Com a pandemia, o grupo acabou dando um tempo no sonho de ter um centro de reabilitação na Maré e de formalizar o projeto. "Não estamos parados. No Dia das Crianças, a festa não aconteceu, mas as crianças do projeto receberam em casa um brinquedo. Para o ano que vem, desejamos voltar com o guarda-roupa solidário, que são encontros semanais na Vila Olímpica da Maré, nos quais as mães conversam e levam sua doação para casa", conclui.

Em Marcílio Dias, existem dois grupos que atuam na defesa das pessoas com deficiência. O Projeto Especiais da Kelson's foi criado para reunir doações e agrega mais de 70 pessoas, entre familiares de pessoas com deficiência e amigos, e se articula por meio de um grupo do *WhatsApp*. A iniciativa partiu da Associação de Moradores de Marcílio Dias, presidida por **Ana Cunha**. Uma das

mães presentes no grupo é **Patrícia Barros**, mãe de Kauan, que é autista, tem paralisia, síndrome de West e deficiência visual. Ela reclama que o governo não cumpre seu papel. "Não pego remédio de graça, eu compro há oito anos. Na última semana, eu paguei R\$ 500 de consulta. Se dependesse da saúde pública, meu filho já tinha morrido", conta. Além disso, ela reclama que foi muito difícil conseguir o Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social (BPC). Ao Maré de Notícias, a **Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos** (SMASDH) declarou que o BPC é um benefício oferecido pelo Governo Federal, ficando sob sua responsabilidade apenas o cadastramento no CadÚnico.

Já **Osvaldina Barros de Carvalho**, mãe de um autista de oito anos, reclama que seu filho não tem nenhum acompanhamento médico. "Fui em uma consulta no Instituto de Neurologia Deolindo Couto, mas eles não aceitaram começar o tratamento, pois é necessária uma

equipe multidisciplinar. Também fui no CAPSi Visconde da Sabugosa, localizado na Praia de Ramos, mas recebi a mesma resposta", conta. Ela aguarda na fila do Sistema de Regulação (Sisreg).

A **RioSaúde**, empresa responsável pelo Centro Municipal de Saúde (CMS) João Cândido, que atende à comunidade de Marcílio Dias, informou que o médico pediu demissão, mas tenta contratar outro profissional para a unidade. Os pacientes do CMS são atendidos pela enferma-

gem e, quando há indicação, são encaminhados para assistência médica na Clínica da Família Heitor dos Prazeres, do outro lado da Avenida Brasil. Apenas as consultas em especialidades são marcadas pelo Sisreg para unidades de referência. Sobre a farmácia, a empresa assegurou que funciona de segunda à sexta-feira para fornecimento de remédios aos pacientes.

Outro projeto que atua em Marcílio Dias é "Criando Laços Especiais", organizado por **Ana Paula Germano**, mãe de um menino autista, de 12 anos. O grupo reúne 30 famílias pelo *WhatsApp* e em redes sociais. "Ser mãe de especial de alguma maneira te torna especial. Talvez a forma que encarei a deficiência do meu filho foi o início para tudo acontecer. Espero que possa ajudar mais famílias, e que elas se sintam acolhidas por pessoas que entendem o que elas passam", diz. O objetivo do grupo é a ajuda mútua, a troca de experiências e as doações de fraldas e medicações.

ABAIXO OS CONTATOS PARA QUEM DESEJAR FAZER SUA DOAÇÃO:

Maré Solidária

Instagram: @maresolidaria_oficial
Facebook: maresolidaria

Instituto Jacqueline Terto

Instagram: @inst_jac_terto

Criando Laços Especiais na Kelson

Instagram: @criandolacosespeciaisnakelson
WhatsApp: 98265-1519

"Especiais da Kelson's"

WhatsApp: 99604-6504

Especiais da Maré

WhatsApp: 96989-0092



Jornalismo local combate a pandemia de desinformação

Projeto “Caiu Na Rede é fake?” checando publicações junto à Agência Lupa e coletivos de comunicação comunitária

THAÍS CAVALCANTE

O que aproximou a população de todos os cantos do Brasil durante o isolamento social foi o consumo e o compartilhamento de informação pelo celular, especialmente, pelo *WhatsApp*, o aplicativo de mensagens instantâneas mais famoso do mundo. Com mais de 120 milhões de usuários só aqui no país, segundo o levantamento da Câmara dos Deputados e do Senado, o *app* é a principal fonte de informação do brasileiro, assim como do mareense. Só que isso não diminui a importância do cuidado com a desinformação, que também se tornou um problema a ser combatido junto ao coronavírus.

Com operadoras de telefonia oferecendo promoções e até o uso gratuito do *WhatsApp*, receber fotos, compartilhar notícias e fazer ligações nunca foi tão fácil num período em que as pessoas precisaram se manter afastadas umas das outras para não espalhar ainda mais a doença ou ser contaminado. O que se espalhou foi a desinformação pelos grupos de mensagens e pela boca do povo.

Gizele Martins, jornalista e moradora da Baixa do Sapateiro, na Maré, conta que sempre que recebe qualquer conteúdo é importante deixar em alerta o lado crítico. “Antes de compartilhar e discutir uma imagem, frase ou notícia, eu logo vou procurar referências. Quando eu recebo uma notícia que remédio “tal” serve para matar o vírus da covid-19,

aí vou em *sites* como da Fiocruz, conselho de saúde ou instituições de saúde, buscar notícias para saber se é verdade ou se já existe uma crítica sobre a questão”. Ela completa ainda que a busca de fontes é importante para o leitor se informar e também questionar a informação, se for necessário. Por isso, é necessário o leitor ir em fontes oficiais na *internet*.

A sensação de confiança de quem passou a informação precisa estar junto com a responsabilidade. “Nos aplicativos de mensagens, temos grupos que trazem essa noção de comunidade, de rede e de confiança. A confiança acaba sendo muito importante para uma pessoa compartilhar uma informação com outra”, diz **Thayane Guimarães**, pesquisadora sênior da área de Democracia e Tecnologia do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS) do Rio de Janeiro.

Descobrimo se o que caiu na rede, é fake

Para que esse fenômeno seja combatido, o país conta com quatro grandes veículos que atuam diretamente no enfrentamento à desinformação gerada on-line com a checagem de fatos. São eles: Aos Fatos; Agência Lupa; Estadão Verifica, do Estadão; Fato ou Fake, do Jornal O Globo. E ainda há muitos outros, mas, de pequeno porte. Em parceria com a Agência Lupa, veículos comunitários, como o portal Favela em Pauta, jornal Voz das Comuni-



Thaís Cavalcante e Matheus Affonso, apresentadores do programa Caiu na rede: é fake?

dades e o jornal Maré de Notícias passaram a atuar neste combate à desinformação, por meio do projeto de checagem de fatos *Caiu na rede: é fake?*. A fundação alemã Fundação Heinrich Böll foi a apoiadora.

Douglas Silveira, diretor de Marketing e Educação da Agência Lupa, fala dos resultados do projeto. “O ‘Caiu na Rede’ mostrou

que a voz da favela tem poder, em nome de jornalistas que conhecem como ninguém a realidade do Brasil, e o que a boataria pode gerar de danoso na vida da sociedade, dentro e fora das periferias. Ganhar o apoio do Maré de Notícias só nos dá mais força e coragem nessa batalha contra a desinformação”.

ANTES DE COMPARTILHAR, DESCONFIE

1. Nunca leia apenas o título de uma matéria
2. Confira se o endereço do site está correto
3. Busque a informação que recebeu no google
4. Verifique se a data da matéria está atualizada
5. Desconfie de informação compartilhada sem link
6. Confira se a imagem que você recebeu é montada
7. Verifique se a matéria foi assinada por um jornalista
8. Desconfie de títulos exagerados ou sensacionalistas
9. Confira se uma agência de checagem verificou a notícia
10. Verifique se a notícia foi publicada em veículos jornalísticos

CONFIRA AS CHECAGENS VERIFICADAS NOS INSTAGRAM:

- @agencia_lupa
- @favelaempauta
- @maredenoticias
- @vozascomunidades

Talco



CARLOS ANDRÉ, CAZÉ

Negro, 45 anos, Bacharel em Direito, morador de Niterói, atua na Redes da Maré como Gestor de Projetos e faz parte da Casa Preta da Maré, projeto que atua na produção de conhecimento sobre questões raciais e racismo.

Cada um de nós carrega lembranças da infância. As boas, as ruins, todas, aprendizados para a vida. Eu me lembro da minha avó materna, a **Dona Celina**, me enchendo de talco, passando excessivamente um pente no meu cabelo e praticamente me amarrando no sofá da sala para que não amarrotasse o uniforme até a hora de ir para a escola.

Naquela época, o Brasil vivia o fim da ditadura militar. Eram os anos 1980, e eu, um menino

negro, morador de uma vila operária do subúrbio do Rio, tinha, além das horas na escola, as brincadeiras na rua e o tempo de assistir TV. Este aparelho exercia uma influência gigantesca na vida das pessoas, e, lá, meninos e homens negros não existiam. Quando eles apareciam, eram tratados como objetos, em papéis subalternos, sujos, grotescos, violentos, primitivos e perigosos. Com esta referência, os apelidos e brincadeiras racistas – hoje, criminosas – eram constantes, uma perseguição mesmo.

Com a chegada da adolescência, a estratégia encontrada foi criar técnicas de “autobranqueamento” para ser aceito nos grupos porque, nessa fase da vida, a solidão é muito grande. A decisão, portanto, foi modernizar aquela antiga arrumação com talco da minha “velha”:

cabelo sempre raspado, roupa de cores neutras com etiquetas aparentes e muito bem passadas, perfume de alguma marca gringa conhecida e tênis da moda. Deu certo, até ouvia que era “preto de alma branca” e não ligava para isso. Se tornar alguém que não era foi a estratégia para ter dias de paz e ser finalmente “aceito”.

A entrada sem espanto em determinados grupos era uma realidade, porém, tudo isso tinha um preço, um custo. E caro. O trabalho como *office boy* rendia um pequeno salário que não dava para comprar as peças da moda e também ajudar nas contas da casa.

Quando já não tinha mais como bancar as roupas da moda e percebendo que meus amigos brancos caminhavam conquistando mais coisas e ascendendo socialmente, comecei a entender o recado de que eu não fazia parte daquele mundo, por mais que eu me endividasse para manter a condição e imagem que havia criado. Naquele momento, os efeitos do racismo sinalizaram o sentimento de autopunição, cobrança, ansiedade e frustração, pois a superação para um homem negro é constante, diária. Você tem que ser o melhor em tudo, pedir desculpas e “com licença” até para o vento, tem de estar sempre de bom humor, ser pró-ativo, simpático, carregar peso com alegria, não reclamar de nada e estar sempre cheiroso e arrumado. Ou seja, tem sem-

pre que aceitar tudo passivamente e, se não for assim, são xingamentos, olhares desconfiados e até a violência verbal e física.

Pensadores e intelectuais brancos relativizam nossa história com as teses mais absurdas. Por esse motivo, conhecer de maneira crítica determinadas questões é importante para mudar o curso da caminhada. E, no novo curso da caminhada, sempre haverá lugar para a Preta Velha que me arrumava para a escola, sabendo o mundo que tinha de enfrentar já com tão pouca idade. Hoje, com muita sinceridade e carinho com as sombras do passado, não faço mais uso do talco e não me escondo nas etiquetas da moda para ser aceito, prefiro refletir as palavras da professora **Lélia Gonzalez** em que dizia que “*Nós negros temos nome e sobrenome, se não os brancos vão nos apelidar da forma que eles querem*”.

Esse nome, sobrenome, a história, a cultura, a ancestralidade, nossa música, nosso sagrado, nossos intelectuais, nossos pretos e pretas velhas são pilares importantes da construção de uma nação, que tenta constantemente apagá-los com violência, mentira ou nas sutilezas mais perversas. Mas são corpos negros e livres que hoje limpam o talco branco do pescoço, levantam a cabeça com orgulho e redefinem suas trajetórias.

“Naquele momento, os efeitos do racismo sinalizaram o sentimento de autopunição, cobrança,

ansiedade e frustração, pois a superação para um homem negro é constante, diária.

Você tem que ser o melhor em tudo, pedir desculpas e “com licença” até para o vento, tem de estar sempre de bom humor, ser pró-ativo, simpático, carregar peso com alegria, não reclamar de nada e estar sempre cheiroso e arrumado.”

CARLOS ANDRÉ - CAZÉ, Bacharel em Direito

Delícias que cabem no bolso

Muitos aguardam as festas de final de ano para, finalmente, poderem comer rabanadas! Seja na ceia ou no café da manhã do dia seguinte, a rabanada é um dos quitutes mais esperados das festividades. O **Maré de Sabores** sabe bem disso e preparou essa receita:

RABANADA TRADICIONAL

Ingredientes:

- 2 pães de rabanada com casca
- 8 ovos
- 200ml de leite
- 1 lata de leite condensado
- 60g de margarina
- 2 colheres e sopa de açúcar
- 2 colheres de café de canela

Preparo:

Separe todos os ingredientes e corte o pão em fatias médias; Em seguida, bata os ovos com leite e o leite condensado. Passe a fatia de pão na mistura de ovos dos dois lados; Numa frigideira antiaderente, aqueça a margarina e frite as fatias de ambos os lados até dourar; Finalize, polvilhando açúcar e canela.

O Maré de Sabores criou algumas receitas para as festas de final de ano. Tem interesse? Entre em contato pelo instagram **@maredesabores** ou mande mensagem via whatsapp para **(21) 97016-6803** e peça o cardápio completo.

PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Produto para lavar louças	Dieta prescrita pelo nutricionista O Apóstolo Descrente (Bíblia)	Senhorita (abrev.) Batida; pancada	Exame escolar Laço da gravata	Anota em documento
Saboroso; agradável	Tecla do computador Casa (fig.)	Epiderme (pl.) Os CDs ilegais	Silaba de "rimel" Peça do barbeador	O ato de fazer as pazes
A afirmativa nupcial Ingrediente da cera depilatória	A saia de comprimento médio	Tabaco em pó No caso de	Ato, em inglês Roma, ao contrário	
Faixa de rádios				
Cantora de "Águas de Março"				
Fantástico; imaginário 2.001, em romanos			Consoantes de "nuca" Temperamento	Atmosfera física (símbolo)
	Emboscada Pouco espessas			
Menor flexão verbal (Gram.)	A piscina infantil Cobertura de motor		Prejudicial Agência espacial	Aplicam; empregam
Nativos peruanos (?) e qual: idêntico		O botão de "apagar" das calculadoras		Artigo masculino definido plural
Habilitação Tipo de vinho			Desabilitados (os lugares)	

BANCO 3/act — atm. 4/nasa — rapé. 5/ncas.



DE OLHO NA COVID

NA MARÉ!

ISOLAMENTO SEGURO

TÁ COM COVID OU CONHECE ALGUÉM QUE ESTEJA?

Uma equipe pode orientar sobre isolamento seguro e oferecer insumos para a recuperação.

Mais informações? Mande um zap para **(21) 99924-6462.**

O ATENDIMENTO É GRATUITO!

E lembre-se: a pandemia não acabou! Evite aglomerações, lave bem as mãos e use máscara.



Solução

S	O	M	E	S	O	R
O	V	V	I	V	P	C
V	S	V	N	T	V	L
M	I	R	S	V	C	N
T	L	V	S	A	R	E
V	I	V	O	T	I	M
C	N	T	E	A	D	I
V	N	I	G	E	S	I
R	O	M	A	I	M	A
T	C	V	E	P	V	E
S	E	L	E	P	E	M
I	R	T	V	M	I	S
G	O	S	O	S	O	G
E	E	T	E	H	E	D
R	N	T	S	R		

Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

@maredenoticiasoficial

@maredenoticias

@MareNoticias

(21) 97271-9410

contato@maredenoticias.com.br

www.mareonline.com.br

